



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**NAYANNA QUARESMA NEPONOCENA**

**A PRÁTICA DO *BULLYING* NO COTIDIANO DA ESCOLA  
PROFESSORA MARIA ZAÍDE CARDOSO**

**ABAETETUBA-PA  
2018**

**NAYANNA QUARESMA NEPONOCENA**

**A PRÁTICA DO BULLYING NO COTIDIANO DA ESCOLA  
PROFESSORA MARIA ZAÍDE CARDOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vilma Nonato de Brício.

**ABAETETUBA-PA  
2018**

**NAYANNA QUARESMA NEPONOCENA**

**A PRÁTICA DO *BULLYING* NO COTIDIANO DA ESCOLA**  
**PROFESSORA MARIA ZAÍDE CARDOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vilma Nonato de Brício.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> VILMA NONATO DE BRÍCIO

---

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joyce Otânia Seixas Ribeiro

**ABAETETUBA-PA**  
**2018**

## DEDICATÓRIA

Dedico meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) há minha Mãe linda (Ana Cristina Quaresma Neponocena), pois ela jamais deixou de acreditar no meu potencial e sempre me estimulou a ter forças para concluir a minha formação de graduação na academia.

## **Agradecimentos**

Neste momento de imensa alegria e gratidão, agradeço primeiramente a Deus pela coragem e sabedoria que ele me deu, sou uma pessoa de muita fé, e sempre confiei na ajuda espiritual que é onde eu sempre me apoio para não desistir de meus objetivos e sonhos.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e incentivo, em especial a minhas Irmãs (Natalia Quaresma Neponocena e Nayara Quaresma Neponocena) que sempre estão do meu lado dando apoio, elas são muito importantes para mim como pessoa, pois elas depositam muita confiança em mim, e eu nelas, como exemplo de persistência na vida que nem sempre é fácil, pois problemas todos têm, mas eu sei que minhas irmãs me admiram, e eu as admiro, e minha formação no curso superior e mais um motivo para elas me admirarem, minhas irmãs ainda então cursando o nível superior.

Agradeço imensamente a meu Pai (Nazareno de Souza Neponocena), pois ele sempre me incentivou nos estudos, me dando apoio e ajuda meu grande parceiro. Às vezes ele estava longe de mim. Amo muito meu pai e agradeço a Deus por ele.

Tenho imensa gratidão ao meu esposo (Jailson Pantoja Barbosa), ele me ajudou muito, sempre acreditou no meu potencial. Meu esposo sempre me ajudou a cumprir meus compromissos acadêmicos, me auxiliou no transporte, e sempre esteve comigo.

Cumprimento meus colegas de turma, pois todos tiveram grande importância em minha vida na universidade. Saudar em especial as minhas colegas de equipe (Josiane Sena Camões e Juliana Santos), os excelentes em meu histórico acadêmico tem a contribuição delas.

A minha Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vilma Nonato de Brício agradeço pela ajuda, orientação e compreensão nas nossas reuniões referentes à construção da pesquisa, que me deram total base nessa fase final do curso de graduação.

Por fim ressaltar meu reconhecimento à instituição UFPA (Universidade Federal do Pará) pelo acolhimento e construção profissional, crítica e pessoal que o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia me proporcionou.

Não haverá borboletas se a vida não passar por  
longas e silenciosas metamorfoses.

RUBEM ALVES

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CNJ- Conselho Nacional de Justiça.

CRAS-Centro de Referência da Assistência.

DARE- Drug Abuse Resistance Education (Educação para resistência ao Abuso de Drogas).

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente.

EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental.

EUA- Estados Unidos da América.

PM- Polícia Militar

PPP- Projeto político Pedagógico.

PROERD- Programa Educativo de resistência às drogas.

SEMEC- Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

## RESUMO:

O presente trabalho tem como tema o *Bullying*, com o título “A prática do *Bullying* no cotidiano Escola EMEF Professora Maria Zaíde Cardoso”. Como discussão central vem a abordar de que forma se constitui o *bullying* nas relações de poder no espaço escolar e os efeitos de sua prática na constituição dos sujeitos no ambiente escolar. O objetivo é compreender as relações sociais e a produção do *Bullying* no meio escolar. A metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa-descritiva de cunho etnográfico com observação, produção de diário de campo, em lócus e uso de entrevista com questionário de perguntas semiestruturadas. Os teóricos-intelectuais, que falam sobre questões que envolvem relações de poder, desigualdades sociais e a prática de violência entre sujeitos, utilizados como base do projeto foram Michael Foucault (1987), Alfredo Veiga Neto (2007), Guacira Lopes Louro (2003), Tomás Tadeu da Silva (2000), Jorge Larrosa (1994) e Ana Lucia Ratto (2007). A pesquisa dá ênfase na análise de campo que rodeia a construção das relações de poder sociais que permeiam a turma de 5ª ano/9 B tarde. A existência da prática de *bullying* se faz evidente nas observações realizadas, de uma forma coletiva e também individual, mas infelizmente as ações de discussão e prevenção mostram certo descaso com a gravidade das ações de violência existentes.

**Palavras Chave:** *Bullying*, Relações de Poder.

## ABSTRACT:

This project has the theme Bullying, with the title "The practice of Bullying in the composition of educational daily in the group of 5th grade B / Afternoon of the EMEF school Professor Maria Zaíde Cardoso". As a central discussion, we discuss how bullying is constituted in the relations of power in the school space and the effects of its practice on the constitution of the subjects in the school environment. The objective is to understand the social relations and the production of Bullying in the school environment. The research methodology used was qualitative-descriptive of an ethnographic nature with observation, field diary production, in locus and use of interview with questionnaire of semi-structured questions. Michael Foucault (1987), Alfredo Veiga Neto (2007), Guacira Lopes Louro (2003), and Guacira Lopes Louro (2003) are the intellectual theorists who talk about issues involving power relations, social inequalities and the practice of violence among subjects, , Tomás Tadeu da Silva (2000), Jorge Larrosa (1994) and Ana Lucia Ratto (2007). The research of the emphasis in the field analysis that surrounds the construction of the social power relations that permeate the class of 5ª ano / 9 B afternoon. The existence of bullying is evident in the observations made, in a collective and individual way, but unfortunately the actions of discussion and prevention measures show some disregard for the severity of the existing violence actions.

**Keywords:** Bullying, Power Relations

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
------------------------	-----------

### **CAPÍTULO I**

<b>AS RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA E O APARECIMENTO DO BULLYING.....</b>	<b>13</b>
--	-----------

1. O aparecimento do <i>bullying</i> como problema social.....	13
2. A constituição da subjetividade e a prática do <i>bullying</i> na escola.....	18
2.1. O bullying no Brasil: as relações de poder institucionais.....	20
2.2 O <i>cyberbullying</i> .....	23

### **CAPÍTULO II**

<b>AS RELAÇÕES SOCIAIS E A CONSTITUIÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA EMEF PROFESSORA MARIA ZAÍDE CARDOSO.....</b>	<b>25</b>
--	-----------

1. Percurso Metodológico da Pesquisa.....	25
2. A infraestrutura do prédio e a organização do quadro funcional da escola EMEF Professora Maria Zaíde Cardoso.....	26
3. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Maria Zaide Cardoso.....	28
3.1 PROERD (Programa Educativo de Resistencia as Drogas).....	29
4. As relações sociais na escola nas narrativas da gestora, coordenadora e professora.	30
5. As relações sociais dos sujeitos que compõem a turma de 5º ano/9 B.....	34
6. Evidências do <i>bullying</i> na turma 5º ano/9 B tarde.....	42

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
-------------------------	-----------

## INTRODUÇÃO

A abordagem do tema *Bullying* muito me interessa por minhas memoriais de vivência na infância e adolescência de agressões verbais e físicas no meio escolar, pelo simples fato de não ter o formato de corpo magro, padrão de beleza cultuado pelos meus colegas na época, padrão de beleza social que perdura até hoje, e por ter sido apontada pelos professores da instituição onde estudava como culpada pelas agressões por não emagrecer, sendo assim destaco a importância e a necessidade de discutir e enfatizar essas situações conflituosas e a existência do *Bullying* de uma forma imperceptível para alguns, mas vividas por aqueles que sofrem com a violência nas instituições escolares em todos os níveis de ensino.

A pesquisa tem como objetivo compreender as relações sociais e a produção do *Bullying* estimulando uma reflexão sobre as relações de poder constituídos na turma de 5ª ano/9 B Tarde da escola EMEF professora Maria Zaíde Cardoso.

Tendo em vista que as relações sociais são importantes para se conhecer o aluno como um ser integral, no processo de ensino-aprendizagem, envolvendo conceitos teóricos, podemos assim enfatizar a importância de um ambiente saudável no contexto da evolução da nossa formação social.

O estudo em si me permitiu fazer uma análise do cotidiano e dos meios trabalhados na escola pública EMEF Professora Maria Zaíde Cardoso na turma de 5ª ano B/Tarde localizada em um perímetro periférico do município de Abaetetuba-PA para discutir os atos de violência institucional, o *Bullying*, de forma a destacar as ações e as atitudes de preconceito em todos os eixos existentes.

A pesquisa desenvolve-se a partir do estudo bibliográfico do tema seguindo de observação às relações sociais estabelecidas entre os alunos no meio escolar, procurando entender como dá as relações sociais de poder entre esses sujeitos. Sendo assim, pergunto: Como se constitui o bullying nas relações de poder no espaço escolar? Quais os efeitos das práticas de *bullying* na constituição dos sujeitos no ambiente escolar? A partir da problemática que destaco acima organizo os eixos de análise da pesquisa.

A Metodologia envolvida no processo da construção da pesquisa atrela-se a bases qualitativo-descritiva, por meios de instrumentos que me auxiliaram como pesquisadora na compreensão referente ao objeto da pesquisa, no caso das relações de poder social e a existência do *Bullying* referentes a turma em questão. Para tanto, a

preferência pela modalidade qualitativa justifica-se pela mesma proporcionar, enquanto pesquisadora, vivenciar critérios de qualidade acerca do tema proposto. Tenho como base para essa metodologia as teorias de Minayo (2000) que orientam a pesquisa.

Para Minayo (2000), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos, ressaltando a importância da observação em campo e da aplicação da entrevista com o questionário semiestruturado.

A observação perdurou por 30 (trinta) dias, ou seja, 01 (um) mês, na escola dentro e fora da sala de aula da turma de 5ª ano/9 B tarde, com a coleta de dados feita através de um diário de campo onde era anotado todas as ações que os sujeitos da pesquisa praticavam. Os alunos, a professora da turma, a gestora e a coordenadora da escola são os sujeitos envolvidos na pesquisa.

O lócus da pesquisa foi escolhido pela proximidade com a minha casa, onde sempre pode visualizar a rotina das crianças que ali estudam, pois todas também moram no bairro, adquirindo assim interesse de fazer a investigação nesta escola.

As entrevistas, que tiveram como lócus a escola, foram realizadas com o objetivo de coletar dados através de narrativas das profissionais da educação que ali trabalham, foram feitas em dias diferentes começando pela professora gestora, a coordenadora pedagógica e a professora da turma. Os instrumentos para a realização da pesquisa foi o questionário de perguntas semiestruturadas caneta, papel e alguns momentos aparelho celular para gravar as falas.

Como base teórica utilizo a pesquisa bibliográfica envolvendo autores que discutem questões de relações de sujeitos do mesmo ciclo escolar, tendo em vista os meios usados e os métodos que ela utiliza para compor seu comportamento, pondo em evidência o reflexo do meio em que a criança vive e o modo que ela é afetada de acordo com o que acontece ao seu redor, sendo assim o fenômeno *Bullying* ocupa posição relevante na pesquisa realizada.

As relações de poder que permeiam a sociedade escolar, sendo que a escola é uma instituição em que circulam vários discursos, que compõem essas relações de poder, refletem de inúmeras formas nos sujeitos que a compõem. Michael Foucault (1987), um crítico da instituição escolar, discute em suas teorias as relações de poder que perpassam pela sociedade instituída.

Alfredo Veiga Neto (2007) trabalha com a abordagem foucaultiana envolvendo o sujeito e as relações na educação social existente e o poder institucional, com isso cabe ao sujeito observar o meio e construir ou apenas imitar sua subjetividade com características padronizadas pelo discurso histórico cultural e discriminatório ou de concordância da existência do outro indivíduo passivo e legível a um olhar despido de qualquer diferença aparente.

Guacira Lopes Louro (2003) teoriza questões que relacionam assuntos de gênero vinculando abordagem de discussões do machismo que rodeiam as mulheres evidenciando características de uma discriminação vexatória.

Tomás Tadeu da Silva (2000) viabiliza questões sobre a construção da identidade em simbologias de um eu “verdadeiro” e um olhar com estranheza para o outro, causando assim um conflito de identidades relacionadas a jogos de poder e superioridade, acarretando a métodos de exclusão, com isso muita das vezes levando a métodos de recusa com atos de violência psicológicos ou físicos.

O texto está dividido em 02 (dois) capítulos. O primeiro capítulo irá tratar do *bullying* como um problema social e o segundo capítulo das relações de poder e a existência do *bullying* constituídos na turma de 5ª ano B/tarde da escola EMEF professora Maria Zaíde Cardoso.

O *Bullying* é um tema de grande relevância social na constituição escolar, pois envolve uma interdisciplinaridade, da percepção da relação com outro. O processo de ensino aprendizagem depende de uma construção da formação do indivíduo, onde colocamos em pauta o desenvolvimento social, a integridade física e mental dos sujeitos que compõem o meio escolar vivido.

Na formação acadêmica esta pesquisa incorpora um olhar intrigante para as relações sociais, de modo a nos fazer refletir como profissionais sobre a identidade do indivíduo que é o sujeito da construção social, que permeia a vida do educador.

## CAPÍTULO I

### AS RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA E O APARECIMENTO DO BULLYING

#### 1. O aparecimento do *bullying* como problema social

As relações sociais entre os sujeitos na escola se fazem por inúmeros aspectos que os constituem, como as diferenças de gênero, faixa etária, religião, etnia, sexualidade, regionalidade, diferenças que produzem várias formas de preconceitos, desigualdades, violências simbólicas ou psicológicas. Tais experiências vivenciadas na escola já foram classificadas como coisas normais, quando a escola se preocupava apenas com o aspecto cognitivo da aprendizagem.

Segundo Fante (2005), Dan Olweus da Universidade de Bergen, na Noruega foi quem criou os primeiros critérios para que fosse possível identificar o fenômeno do *bullying* de forma mais particular. A partir das suas pesquisas, foi possível diferenciar a prática de *bullying* de outras possíveis interpretações, traduzindo assim o comportamento de agressão propositado, realizado de uma forma repetida entre indivíduos, em uma relação clara de poder institucional, sendo assim a vítima revela-se sempre mais fraca, física ou psicologicamente.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo (FANTE, 2005, p. 45).

Ao estabelecer limites entre chacotas e brincadeiras Dan Oleweus chama a atenção para relações sociais agressivas que incidem diretamente na auto-estima das pessoas, sobretudo crianças e jovens que estão em processo de construção de suas identidades e personalidades.

O *Bullying*, segundo a Cartilha do Conselho Nacional de Justiça-CNJ (2010), é um termo de origem inglesa e sem tradução explícita para o português, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis e geralmente as agressões surgem a partir das particularidades de cada um/a, ou seja, crianças, jovens ou adultos

que não se enquadram nos padrões excludentes de corpo, etnia, gênero, sexualidade, forma de pensar, religião, região, entre outras distinções.

*Bullying*, para o Conselho Nacional de Justiça - CNJ (2010) é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. O termo surgiu a partir do inglês *Bully* palavra que significa *tirano, brigão* ou *valentão*, na tradução para o português.

O *bullying*, em uma perspectiva histórica, se tornou objeto de estudos específicos de campos de saberes como a medicina, a psicologia, a pedagógica, a justiça, tentando explicar a emergência dessas atitudes que se traduzem como um ato de *bulir, tocar, bater, socar, zombar, tripudiar, ridicularizar*, colocar apelidos humilhantes e etc., ou seja, o prazer de ver o sofrimento psicológico e físico do outro indivíduo, onde este indivíduo não se defende. Essas são as práticas mais comuns do ato *bullying*. A violência é cometida por um ou mais indivíduos, com o objetivo de *intimidar, humilhar* ou *agredir* fisicamente ou psicologicamente a vítima.

Os atos violentos nas escolas intituladas de *bullying* tiveram seu apogeu em meados dos anos 90 nos EUA (Estados Unidos da América), onde grandes massacres nas escolas Estadunidenses com um grau de violência muito grande, onde quase sempre se motivava pela má relação dos alunos, relação essa rodeada de um jogo de desequilíbrio emocional, de agressões físicas ou psicológicas onde aquele que sofre com a violência não consegue revidar as ações.

No Brasil nos anos 2000 a preocupação com a violência nas escolas logo se mostrou aparente e com isso sendo necessário abrir a discussão e trabalhar medidas para o controle de ações de violência entre alunos. Logo essa nomenclatura, que se refere à violência institucional, chegou ao Brasil tornando assim as “brincadeiras humilhantes” algo sério.

No início do século XIX as discussões tomaram grandes proporções e os casos de violência estavam se tornando constantes e situações muito graves com destinos até suicidas foram ocorrendo, com isso a intervenção do Estado se torna necessária e indispensável para poder diminuir esse ato de violência que estava tomando conta das instituições brasileiras sendo ela pública ou privada.

A prática do *Bullying* nas relações sociais que se estabelecem nas escolas e em outros espaços, de forma direta, onde os que se consideram mais fortes utilizam os que estes avaliam como mais frágeis, como meros objetos de diversão, prazer, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. Tais relações construídas nas escolas e em outros espaços-tempos entre professores e alunos, diretores e

professores, diretores e alunos, alunos e alunos, comunidade e escola são atravessadas por exercícios de poder hierarquizantes e excludentes, em que um dos polos da relação é visto como inferior, por isso as ações que incidem sobre eles são da ordem da violência seja física ou psicológica. Entretanto, é preciso reconsiderar a concepção de poder, que no caso do *bullying* é negado ao polo que sofre a violência, pois o poder é tido como posse de quem pratica a violência. Questionando essa noção de poder, Foucault (2005) afirma que o poder não está sob o domínio de alguém, não é uma coisa que alguém possui, mas uma prática social, uma relação de forças entre os sujeitos, ele atravessa as relações sociais em qualquer instituição e produz efeitos a partir das composições de forças que implica controle/domínio ou resistência.

As relações, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), que se estabelecem em uma dada sociedade de poder cultural acabam legitimando ações de desequilíbrio nas relações constituídas. As práticas de *bullying* a partir de arranjos de forças concebidas a partir dos padrões construídos na sociedade capitalista que valoriza determinados modos de ser, de viver, de sentir, de pensar, em que existências que fogem a essas práticas de normalização são discriminadas, violentadas, segregadas, excluídas, entre eles meninas, obesas (sobretudo meninas pelo modelo de corpo valorizado pela mídia e pela sociedade), deficientes, negras/os, homossexuais, transexuais, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, etc. que geralmente são alvos de agressões se tornam repetitivas com o único objetivo de satisfazer o ego do sujeito praticante do ato.

Partindo do pressuposto de que a subjetividade é construída histórica, social e culturalmente atravessada por relações de poder exercidas na escola, os alunos não nasceram praticando *bullying* ou propensos a discriminarem os outros, mas são produzidos, fabricados por relações de saber-poder que os constituem. Segundo Valle (2008).

O sistema educacional está enraizado numa sociedade estruturada por relações sociais desiguais, com consequências profundas no rendimento escolar. Assim, a luta por uma “democratização do acesso” não é mais suficiente. É necessário construir uma “democratização pelas finalidades e pelo funcionamento”: os percursos escolares podem se tornar menos desiguais socialmente se as condições de acesso forem modificadas, se a auto-seleção de certos grupos sociais for eliminada, se os veredictos deixarem de ser excludentes, se os conteúdos curriculares dotarem as novas gerações de instrumentos de análise e de ação, indispensáveis à sua emancipação e à transformação social (VALLE, 2008, p. 95).

Assim, as escolas brasileiras produzem e reproduzem as desigualdades sociais, seja pela divisão de classe que separa escolas públicas e escolas privadas, seja pelas

desigualdades sociais, econômicas, culturais, religiosas construídas internamente nas instituições, seja nas relações sociais, na organização e gestão das escolas, nos currículos que ainda valorizam binarismos identitários de gênero, corpo, sexualidade, tipo físico, religião, região etc.

As relações de poder que permeiam a instituição escolar, sendo que a escola é uma instituição em que circulam vários discursos, que constituem relações de poder, refletem de inúmeras formas nos sujeitos que a compõem.

O historiador e filósofo Michael Foucault (1987) nos mostra que a formação do sujeito social se dá no espaço da instituição educativa, onde se constituem relações de poder que constroem identidades e subjetividades, que esta constituída no âmbito familiar, de conceitos e normas de si e do outro que vem de certa evolução histórica incluída na sociedade constituída meio social familiar.

Segundo Foucault (1987) a instituição escolar é um ambiente que consegue controlar o sujeito tendo como instrumento o poder disciplinar, a partir do qual os indivíduos são separados em espaços utilizando técnicas de organização do tempo e do espaço para obter um sujeito cada vez mais prudente e capaz de seguir as normas sociais.

De acordo com Foucault (1987) essa normalização social precisa ser analisada a partir da genealogia, ao enfatizar a construção do indivíduo por meio de relações de saber-poder. As relações de poder produzem hierarquização da organização social seja pela desigualdade social e econômica, etnia, gênero, sexualidade, religião, região, ou seja, toda diferença é capturada por estratégias de poder para excluir, segregar, classificar. Quem não se encaixa nesses padrões acaba sendo punido verbal ou fisicamente

No livro “Foucault e Educação” (2007), Alfredo Veiga-Neto mostra as teorias e os eixos das teorizações Foucaultianas. Nele, o autor destaca a escola como uma instituição disciplinar social e de práticas essencialistas onde relações de poder se formam a partir de discursos de sujeito normatizado. Nessas relações de poder e de saber no processo de subjetivação constituído se observa as maneiras de conduzir o outro e de se conduzir.

A escola é o ambiente que forma nos indivíduos a criticidade social e a educação, a relação com o outro, no caso colega de classe e profissionais da educação é um contato direto com o indivíduo que não está vinculada com o meio social que está acostumado, a família, conseqüentemente causa estranhamento ou certo conflito de

reconhecimento da identidade pertencente a o ou outro, dependendo do que cause este estranhamento pode nortear uma possível exclusão.

O *Bullying* é produzido a partir dos embates entre identidades normativas consideradas “verdadeiras”, onde as relações se estabelecem como meio, tendo como referência uma padronização social econômica, religiosa, de um estereótipo de beleza física, cor da pele, regionalização, onde tudo que é dito diferente é excluído, algumas vezes de forma agressiva e violenta.

Para o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall (2000-2014), não existe identidade sem representatividade, sendo que esta se dá através de rotulagens, o sujeito só representa alguma identidade se ele for diferente do outro sujeito.

Projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2000, p. 12).

Processos discriminativos começam desde a infância com os incentivos as brincadeiras onde os meninos têm brincadeiras violentas envolvendo disputa como corrida de carro, futebol, brigas, etc..., brincadeiras essas onde o mais fraco ou menos habilidoso é excluído ou agredido, e as meninas brincam de boneca, comidinha e casinha; brincadeira passível de situar a menina como futura cuidadora do lar. A prática do *Bullying* tem por principais agressores crianças do sexo masculino, quanto que as vítimas são meninos e meninas que não se enquadram nos padrões considerados normais. Por serem educados para serem mais agressivos e utilizarem a força física, as atitudes dos meninos são mais visíveis, no caso das meninas costumam praticar o *Bullying* de forma mais velada, supostamente mais branda, por meio de intrigas, fofocas, competições, isolamento das colegas, sendo mais difícil de identificar o ato, tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

Guacira Lopes Louro (1997) teoriza questões que relacionam assuntos voltados à luta de igualdade de gênero vinculada à abordagem de discussões das fragilidades políticas/sociais que, infelizmente, ainda rodeia as mulheres, com isso a identidade de gênero feminino ainda tem uma roupagem que caracteriza um grande envolvimento de uma discriminação vexatória.

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos

arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

As relações que permeiam esses atos de violência em escolas tem base em valores culturais institucionais, tem um caráter de pré-julgamento em que um vê o outro e suas especificidades como sem importância social. As questões de comportamento excludente e violento que envolve crianças do mesmo ciclo institucional, também é efeito da sociedade desigual, excludente, competitiva, individualista, hierárquica, sendo assim o fenômeno *bullying* ocupa posição relevante na vida cotidiana das escolas.

## **2. A constituição da subjetividade e a prática do *bullying* na escola**

Entre as estratégias de subjetivação contemporânea produzidas nas escolas brasileiras encontra-se a prática do *bullying*, um fenômeno caracterizado por atitudes violentas e agressivas. O *bullying* é um acontecimento que tem variações e que identifica o sujeito em suas individualidades para separar, segregar, excluir, diminuir, em que uns se consideram superiores aos outros.

Para o CNJ (2010) a violência doméstica, o descaso dos responsáveis, a influência midiática, o preconceito com as diversidades culturais, entre outras causas, são motivos de certa forma sem coerência com o ato violento em si, são motivos torpes que são estudados pelos eixos da psicologia e da pedagogia de forma a tentar entender e desvendar esse mistério onde o indivíduo sente prazer nas atitudes de humilhar e diminuir o outro.

De acordo com a Cartilha do CNJ as consequências provocadas pelo ato do *bullying* são as mais variadas e diferem de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões; todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de *bullying*. Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema.

A problemática, segundo o CNJ (2010), que envolve o desequilíbrio no ato de *bullying* está relacionada a uma série de fatores que afetam ou não o sujeito, alguns desses fatores são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O *Bullying* também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a

vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

A prática da violência institucionalizada atinge de várias formas o sujeito que sofre a agressão, essas formas são tanto psicológicas quanto físicas, a família sempre deve ter atenção para possíveis situações de violência existentes, nesses casos é de suma importância a articulação da escola, que tem por dever proteger a integridade física e psicológica dos alunos, e dos responsáveis das crianças envolvidas, com isso zela pela tentativa de constituir uma cidadania plena do sujeito.

Para Foucault (1987), o sujeito é constituído pelo discurso em sua perspectiva histórica a partir do qual assume posições de sujeitos atravessadas por relações de poder. Algumas posições de sujeitos assumidas por crianças e jovens na escola são construídas por meio de oposição binárias em que um polo das identidades é mais valorizado que outro, constituindo diversas formas de preconceitos e exclusões, de gênero, de etnia, de sexualidade, de corpo, de religião etc. Entretanto, as posições de sujeitos não são fixas e universais, pois são constituídas por diferentes relações de saber-poder. Desse modo, podemos inferir que um sujeito que pratica um ato de violência, seja ela institucional ou não, pode através de várias formas desconstruir o estereótipo e passar a não praticar mais esta ação, assumindo outras posições de sujeito.

Segundo Alfredo Veiga Neto (2007), para Foucault as construções de objetivação e subjetivação produzem o indivíduo, com isso o termo sujeito refere-se ao indivíduo incorporado a uma identidade que reconhece enquanto sua. É nesse sentido, que podemos observar que as teorizações de Foucault não têm início pelo Sujeito como um ser sem contexto, mas pelos processos de objetivação e subjetivação que antecedem à constituição desses sujeitos.

As relações no ambiente escolar estão diretamente relacionadas com as relações de poder construídas para caracterizar as identidades que formam um sujeito através de condições físicas, econômicas, perfis de interação com outro, entre outros fatores que define as relações dos indivíduos dentro e fora da escola. Para Foucault,

seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constituiu no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 2005, p. 10).

Os/as alunos/as que praticam o *bullying* se constituem nessa sociedade capitalista, competitiva, excludente, individualista em que as relações de poder são construídas nesse processo.

Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredoio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1987, p. 31).

A escola é um dos campos de lutas atravessadas por relações de saber-poder, que produzem padronização, controle, mas também resistências. Nos embates uma das partes é excluída por motivos sociais e culturais fazendo com que algumas pessoas que não se encaixam nas significações de imagens ditas normais sejam punidas.

Nas relações de poder os sujeitos são produzidos em meio a padronizações binárias podendo causar assim a exclusão e por efeito a violência. Na constituição do poder nas relações de socialização, um fica em vantagem em relação ao outro, mas não quer dizer que toda a relação de poder é algo ruim, elas apenas descrevem a posição do sujeito diante de uma relação existente, com isso depende de como esse sujeito que tem vantagem vai lidar com ele.

## **2.2. O *Bullying* no Brasil: Como as relações de poder institucionais se apresentam na atualidade**

No Brasil as discussões relacionadas a violências ainda são brandas, o país como nação encontrasse em uma crise de violência que se alastra no país todo, nas escolas não é diferente, questões sociais e culturais envolvem as relações que se formam nas escolas mediadas pela violência que está presente na vida dos indivíduos que vivem no Brasil, violência essa que se torna banal no discurso de sujeito.

Em um país tão grande quanto o Brasil que é subdividido por regiões onde cada região desenvolve costumes, tradições, vestimentas, na culinária, são culturas de povos que se diferem uns dos outros onde se torna evidente o estranhamento quando essas transações de identidades regionais se encontram de forma desequilibrada e sem o devido conhecimento de aceitação das culturais que caracterização cada extremo do país. Para Jorge Larrosa 1994,

São muitas as tribos nas quais seus membros tendem a identificar a "peculiar" idéia [SIC] que têm de si mesmos como o ser "homem" em geral, embora não tenham desenvolvido, como nós, algo também tão "peculiar" histórica e culturalmente como toda uma tradição antropológica preocupada por definir, de uma forma universal e essencialista, uma "idéia [SIC] de homem" (LARROSA, 1994, p. 40).

A atual centralização das discursões das varias identidades do sujeito que compõem o povo brasileiro, cada dia mais estão evidentes, com os trabalhos institucionais que

envolvem o conhecer o sujeito cultural, vem tomando conta da visão de aceitação do outro, mas infelizmente ainda se mostra muito forte o desequilíbrio nas relações entre as identidades que compõem o indivíduo na contemporaneidade.

Segundo Stuart Hall o indivíduo se constitui a partir de uma identidade cultural, que se referencia a questões de “pertencimento”, a culturas que envolvem a raça, etnia, religião, linguística, nacionalistas, entre outros; é a subjetividade que relaciona o lugar onde formamos nossa identidade, mas não quer dizer que não podemos transformar as identidades de sujeito que nos caracterizam.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

A prática do *bullying* se faz envolvida no cotidiano das escolas brasileiras e muitas vezes são imperceptíveis, pois ainda há quem trate o *bullying* como uma brincadeira, sem uma perspectiva do impacto na vida do indivíduo.

O *bullying* é considerado uma problemática que apresenta variadas formas com dadas situações específicas. O cuidado entre a interação dos estudantes constitui-se em uma medida capaz de possibilitar o pleno desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nas relações do meio escolar, garantindo uma convivência social sadia e segura.

A profissão de professor não é tarefa fácil, principalmente quando lhe é alegado outras funções como de coordenador pedagógico ou diretor escolar e, quando o gestor conhece as políticas educacionais, as leis de diretrizes e bases da educação nacional e as relações entre escola e sociedade, além da organização interna da comunidade escolar é que consegue conduzir um trabalho profissional de qualidade. Segundo Jorge Larrosa 1994.

Dito de outro modo, o que se pretende formar e transformar não é apenas o que o professor faz ou o que sabe, mas, [p.50] fundamentalmente, sua própria maneira de ser em relação a seu trabalho. Por isso, a questão prática está duplicada por uma questão quase existencial e a transformação da prática está duplicada pela transformação pessoal do professor (LARROSA, 1994, p. 49).

O professor e todos os responsáveis pela educação institucional do sujeito são responsáveis pela construção da formação crítica e intelectual do indivíduo, na posição de detentores do poder no ambiente escolar, nas relações que permeiam a sala de aula e fora dela, eles têm o viés da moldagem do sujeito, de disciplinar para além da escola. A formação educacional é indispensável para o indivíduo para que o mesmo possa

perceber todas as possibilidades de ação que o rodeia a desconstrução do desequilíbrio nas relações de poder sociais se tornam essenciais para a construção de mundo.

O Brasil é um país que possui inúmeras culturas, mas ao mesmo tempo não é um país tolerante, as diferenças que constroem a nação brasileira sejam elas de cunho cultural, social, de gênero, econômico, religioso, de raça ou de etnia, cada identidade possui um discurso onde se devendo a “verdade”, mas que acaba esquecendo dos valores de si e do outro.

Por questões de constituição de direitos, cuidados e alerta do estado brasileiro a violência nas instituições de ensino e fora delas entre sujeitos de mesmo nível institucional, se faz necessário a criação de leis vigentes que deem estrutura de legalidade e de medo de possível punição ao praticante dos atos de violências ou de cunho vexatório, o *bullying*.

No dia 6 de Novembro de 2015 foi proclamada pela Presidenta Dilma Rousseff Lei Nº 13.185 que institui O Programa de Combate a Intimidação Sistemática (*bullying*), que consiste em protocolar questões de prevenção relacionadas ao ato de violência institucionalizada protegendo assim, a integridade física, moral e psicológica dos alunos das escolas em território nacional e nas mídias sociais.

O Art. 227 da Constituição Federal diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) versa sobre o direito à liberdade, ao respeito, à dignidade e à educação, dentre outros. Nos seguintes artigos está escrito:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

A Educação é um complexo estágio do desenvolvimento humano no que se refere aos aspectos de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor do sujeito, e, por essa razão a escola oferece métodos de ensino que organizada em um ambiente estimulante, educativo, seguro e afetivo, com profissionais qualificados para acompanhar os alunos que dela necessitam nesse processo de descoberta e conhecimento, propiciando uma base sólida para seu desenvolvimento, pelo menos deveria ser assim.

## **2.2 O *cyberbullying***

De acordo com CNJ (2010) uma das formas mais agressivas de *bullying*, que ganha cada vez mais espaços sem fronteiras é o *cyberbullying* ou *bullying* virtual. Os ataques ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos).

A grande proliferação dos empasses de relações sociais no mundo digital é praticamente instantânea o efeito multiplicador do sofrimento do sujeito é imensurável. O *cyberbullying* extrapola os muros das escolas e expõe a gozação pública. Os praticantes desse modo de perversidade também se valem do anonimato e, sem nenhum constrangimento, atingem a vítima da forma mais vil possível. Traumas advindos do *bullying* virtual são dramáticos.

Nos dias atuais, com os avanços tecnológicos, novos meios de interação social surgiram trazendo muitas vantagens para aqueles que sabem usar de forma a se beneficiar com sabedoria dessas vantagens de interação que percorrem o mundo em segundos, mas infelizmente nem todos se utilizando como forma de comunicação rápida e produtiva, formas de exposição vexatória onde “fofocas” chegam em segundos nos celulares, tabletes ou computadores conectados na rede de internet, alastrando uma forma de *bullying* quase impossível de se evitar ou de achar o culpado.

Imagens constrangedoras, postagens de textos ofensivos, exposição da intimidade de forma a constranger aquele a quem ela se direciona, entre vários métodos de exposição via internet que podem ser classificados por uma violência constituída como *cyberbullying* por possuírem essas características de ações agressivas de humilhação do indivíduo perante vias de redes sociais. Nessas ações o sujeito se esconde atrás da tela de computador, de uma pagina em alguma rede social falsa, com isso tornasse um sujeito que existe, mas ao mesmo tempo não se sabe quem é na vida social real.

O ambiente virtual é uma constante expressão de tudo que possivelmente possa ter significação para os indivíduos, a internet é um dos principais meios de comunicação que existe na atualidade, quase todos tem acesso as informações fornecidas na rede. Com isso o *ciberbullying* se torna muito agressivo e impactante, pois essa forma de intimidação do outro toma proporções de cunho infinito, onde se defender e muito difícil, pois como saber quem provocou a ação.

Em relação ao uso dos aparelhos tecnológicos pelos alunos na escola há um grande empasse, pois alguns professores apoiam pelos benefícios na rapidez das informações e por ser grande apoio, se usado de uma forma correta, no processo de ensino aprendizagem, enquanto que outros professores mostram ser contra o uso desse dispositivos e um dos motivos é o uso para ações que estão fora do controle dos professores como o *Cyberbullying*, com isso em algumas escolas é proibido o uso de aparelhos tecnológicos como celular dentro da instituição.

O ato de *bullyr* se mostra agressivo em ações ao conhecer a “verdade” da identidade do individuo, já pronto e acabado, um olhar volta apenas para a subjetividade que reconhecemos em nós mesmos. Dizer que é uma questão de respeito que possuímos ou não pelo o outro seria praticamente relatar um esquecimento de toda uma cultura de subsistência que nos cerca de opiniões prontas, e desde do nascimento nos dizem qual o caminho devemos seguir para termos uma vida social interpretada por relações de poder que existem para que possamos equilibrar significações diferentes dos outros indivíduos.

## CAPÍTULO II

### AS RELAÇÕES SOCIAIS E A CONSTITUIÇÃO DO BULLYING NA TURMA DE 5ª ANO B/TARDE DA ESCOLA EMEF PROFESSORA MARIA ZAÍDE CARDOSO

#### 1. Percorso metodológico da pesquisa

A pesquisa analisa a existência do *Bullying* nas relações de poder que permeiam a vivência do cotidiano da/na turma de 5º ano B/Tarde do ensino fundamental da escola EMEF Professora Maria Azaíde Cardoso, que se localiza na Rua Padre Pimentel Nº 2204, Bairro São Sebastião. A pesquisa busca entender como se constitui a afirmação de um padrão de sujeitos que desenvolvem uma agressividade a existência do outro, construindo assim as relações de poder e punição institucionalizada que acarreta no fenômeno de comportamento institucional que envolve relações sociais de poder psicológico e físico, onde os sujeitos participam diariamente do meio escolar vivido, este fenômeno social denomina-se *Bullying*.

A pesquisa teve início através de busca bibliográfica, e a pesquisa completou-se com ida á campo, utilizando como técnica de coleta de dados, a observação da turma em questão registrada em um diário de campo e as entrevistas semiestruturadas realizadas com a gestão, a coordenação pedagógica e a professora da turma. Os nomes dos sujeitos entrevistados e relatados na pesquisa serão fictícios, para que não haja exposição dos profissionais da educação e nem dos alunos da instituição.

A pesquisa científica iniciou-se a partir de uma busca bibliográfica em livros, artigos acadêmicos, livros virtuais, tornando o uso da internet algo constante. Esse primeiro momento se faz importante por proporcionar um impulso teórico da discussão da pesquisa. A pesquisa bibliográfica continuou no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, sobre o tema *bullying* e as relações de poder na escola, para assim desenvolver uma análise fundamentada em autores/as que proporcionaram embasamento teórico/metodológico para a discussão da problemática. De acordo com Severino (2007, pg. 39), “faz-se necessário embasamento teórico pelo qual responde, fundamentalmente, o ensino superior”, com isso a necessidade de estudo de teorias para fundamentar a pesquisa.

A coleta de dados envolvida no processo da construção do relatório da pesquisa durou 30 (trinta) dias e atrelou-se a base qualitativo-descritiva, por meio de instrumentos que me viabilizaram como pesquisadora uma compreensão referente ao objeto da pesquisa, no caso das relações de poder referente à turma em questão. Para tanto, a preferência pela modalidade qualitativa justifica-se pela mesma proporcionar, enquanto pesquisadora, vivenciar critérios de qualidade acerca do tema proposto com base em entrevistas semiestruturada. Segundo Minayo (2000),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000, pp. 21-22).

A pesquisa de campo é uma das técnicas aplicadas para se buscar informações de uma forma ampla, utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa, e com objetivos exploratórios. A entrevista tem grande relevância na pesquisa. Desta forma, juntamos os dados da observação com a coleta de dados da entrevista, contemplando assim o estudo realizado.

O diálogo da entrevista semiestruturada me ofereceu como pesquisadora informações sobre a experiência das entrevistadas no ambiente escolar, me possibilitando interpretar as relações de poder de forma minuciosa, pois cada resposta e cada expressão apresentada na fala dos sujeitos da pesquisa me serviram como dados a serem analisados no conteúdo da entrevista.

## **2. A infraestrutura do prédio e a organização do quadro funcional da escola EMEF professora Maria Zaíde Cardoso**

A Escola EMEF Maria Zaide Cardoso existe desde 1988, mas seu prédio só foi construído em 1991. Atualmente a escola trabalha com 360 crianças com idade entre 06 a 14 anos, em turmas de 1º ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. O público alvo são as crianças que moram no bairro.

A estrutura física da escola, que é toda em alvenaria e possui água encanada através de poço artesiano. A escola esta dividida em 6 (seis) salas de aula, 1 (uma) sala da coordenação pedagógica, 1 (uma) sala de secretaria, 1 (uma) sala administrativa, 1 (uma) sala de arquivos de documentos escolares, 1 (uma) sala para depósito de livros, 1 (uma) sala de leitura, 1 (uma) laboratório de informática, 1 (um) depósito de merenda

escolar, 1 (uma) copa cozinha, 2 (dois) banheiros para os alunos, um masculino e o outro feminino e 1 (um) banheiro para os funcionários.

O quadro funcional da escola é formado por 1 (uma) gestora, 1 (uma) secretária, 1 (uma) agente administrativo, 1 (uma) coordenadora pedagógica, 15 (quinze) professores/as, 4 (quatro) serventes e 4 (quatro) vigias.

O bairro de São Sebastião, onde a escola se localiza, é um perímetro periférico da cidade de Abaetetuba-PA, foi um bairro formado a partir de invasão desordenada de moradores, sendo na maioria migrantes vindos da zona rural causando uma mudança de contexto do campo para a cidade, no caso famílias vindas das ilhas que rodeiam o município e da estrada. Segundo Kathryn Woodward (2000, p. 21), “A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento”.

As desigualdades sociais entre campo e cidade faz com que muitas famílias saiam do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, incluindo educação, saúde e trabalho, mas como passam a morar na periferia da cidade não tem esses direitos garantidos.

O bairro São Sebastião foi considerado por muito tempo como um lugar violento, que apresentava elevados índices históricos de incidência de agressão física, roubos, assassinato, violação de menores e formação de gangues patrocinadas pelo uso de drogas, narcotráfico e prostituição.

O bairro abriga, em sua maioria, famílias de baixa renda, que sobrevive do trabalho informal, comércio e subemprego, e apresentando ainda incidência de menores em situação de “risco social”, habitando em casas simples e humildes e com carência de saneamento básico, água tratada, precário serviços de limpeza de rua, iluminação, aterramento e segurança pública.

O olhar sobre um bairro de periferia com problemas econômicos em sua população vem se tornando problema parcial na questão das crianças que estudam na escola, pois, em sua maioria, as famílias têm alguma renda que os equilibra ou estabilizam financeiramente, como os auxílios do governo como bolsa família.

O envolvimento no mundo da criminalidade, a questão de marginalização, tráfico de drogas, entre outros problemas sociais se tornam cada vez mais um grande enfrentamento de alerta para a escola e as famílias que precisam educar e formar as crianças para que cultivem identidade contrária á que marca e rotula o cenário do bairro em que vivem.

### 3. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Maria Zaide Cardoso

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento que estrutura o todo da escola, iniciando o documento pela história de formação da escola e perpassa por inúmeros eixos de composição de todos os âmbitos da instituição. Na referida escola, o PPP encontra-se atualizado para o ano de 2017 completo sendo reformulado para as atividades do ano de 2018, com fácil acesso, exceto para cópia. Pode-se observar o cuidado com sua construção e adequação, sendo que suas alterações são feitas pela gestão e coordenação pedagógica. Contudo ressalto que o PPP deve ser construído para um período maior e não é atualizado anualmente, isso é planejamento anual.

Segundo Ilma Passos de Veiga (2002), o projeto político-pedagógico (PPP) vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

A reelaboração do Projeto Político Pedagógico acontece todo ano de acordo com o currículo enviado pela SEMEC (Secretária Municipal de Educação e Cultura) de Abaetetuba-PA e é atualizado pela coordenação pedagógica e direção da escola com as atividades produzidas e organizadas pelos planos de ação no ano letivo da instituição.

Na observação do documento podemos enfatizar a facilidade de ter acesso ao mesmo, pois quando foi solicitado não houve problema nem impedimento da gestão da escola, o contato foi imediato. Com isso a análise do documento pode ser feita, e podendo ressaltar que algumas atividades ali registradas não ocorreram do decorrer da observação como os momentos de diálogo com os alunos nas segundas e sextas feiras antes da aula e a hora pedagógica nas sextas-feiras.

Um ponto muito relevante a ser ressaltado é a elaboração com as atualizações do documento que são feitas apenas pela gestão e coordenação pedagógica, com isso o restante da comunidade escolar não participa da composição do mesmo, tornando assim a atividade de organização do PPP algo exclusivo e limitado.

Ressaltando o tema central, o *Bullying* ou outros temas transversais, no PPP não existe planos de ação ou projetos voltados a prevenção, combate ou discussão desses temas.

### **3.1 PROERD (Programa Educativo de Resistencia as Drogas)**

Um projeto nacional, com intervenção municipal, é feito na escola o PROERD (Programa Educativo de Resistencia as Drogas). Segundo Rateke (2006), o Proerd é um Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência que se originou do Drug Abuse Resistance Education - DARE (Educação para Resistência ao Abuso de Drogas), criado pela Professora Ruth Rich, do Distrito Escolar de Los Angeles/EUA, em 1983, em conjunto com o Departamento de Polícia de Los Angeles, EUA. Esse programa tem por objetivo prevenir o uso indevido de drogas e combater a violência entre os jovens. O DARE foi inicialmente aplicado às crianças da quinta série, com aproximadamente onze anos de idade, na cidade de Los Angeles, em 1983. De acordo com as informações do PROERD do Estado do Rio Grande do Norte, hoje, esse programa encontra-se em todos os estados do Brasil.

O programa acontece apenas nas escolas municipais de ensino fundamental, nas turmas de 5ª Ano/9, escolas públicas dando a entender que o uso de drogas ocorre, com muita frequência, entre alunos pobres que se utilizam do ensino oferecido pelo município, evidenciando o preconceito contra pessoas pobres, pois se esquece que os alunos das escolas privadas também estão propícios ao acesso e uso de drogas.

Segundo Rateke (2006), os policiais do PROERD são divididos em três níveis de atuação que são os Instrutores, Mentores e Master. O policial Instrutor do PROERD passa por um curso de formação de oitenta horas, para orientar sua postura pedagógica nas aulas, muito parecido com o curso ministrado na formação dos policiais Instrutores da DARE. Para ser um policial instrutor é necessário ter no mínimo dois anos de serviço em atividade-fim da Corporação; possuir experiência e/ou formação em atividades educacionais, recreativas e/ou comunitárias; ter um bom comportamento; ter facilidade de expressar-se verbalmente; não ser dependente de nenhuma droga (lícita ou ilícita); gostar de crianças; passar por uma entrevista com um Policial Mentor. O policial é convidado a ocupar a vaga de Mentor após um ou dois anos na função de policial instrutor. Para se formar mentor, o instrutor deve passar por um curso que tem um total de quarenta horas e conta com a participação de profissionais da área da Educação e policiais Master. Já o policial Master desenvolve atividades administrativas no Programa e atua na formação dos policiais Instrutores e Mentores.

Em relação a formação pedagógica, social, humana, crítica ou política, os mesmos não possuem, a não ser os cursos ofertados pela própria corporação da PM (Polícia Militar), o que de fato não se faz suficiente para os mesmos terem uma postura

pedagógica, pois levando em consideração a observação da aula do policial, ele tenta transmitir medo para poder ter respeito dos alunos, mas acaba tendo apenas o receio das crianças por está fardado e com uma arma na cintura.

Na aula ministrada pelo policial militar, instrutor que executa o projeto na Escola Maria Zaíde Cardoso, é perceptível certo receio dos alunos com ele, pois ele vai para a instituição com a farda da corporação e armado. As crianças se sentem um pouco intimidadas, mas conseguem acompanhar com leveza os assuntos que o instrutor, com a ajuda de uma cartilha, trabalha. Ressaltando que o PROERD está descrito no PPP (Projeto Político Pedagógico) como projeto de intervenção social de cunho nacional junto do município.

A proposta do PROERD é muito válida, o que deixa a desejar é a forma como ela está sendo trabalhada. Segundo Michael Foucault (1987, pg. 14) “É indecoroso ser passível de punição, mas pouco glorioso punir. Daí esse duplo sistema de proteção que a justiça estabeleceu entre ela e o castigo que ela impõe”, a imagem de policial que castiga aqueles que são “contra a lei”, mas que está na sala de aula ensinando que algumas atitudes podem te levar a ser punido, até por ele mesmo, seja de uma forma leve, mais punitiva mediante lei.

Uma situação que me chamou a atenção foi o fato de 02 (dois) dias antes da aula do PROERD, aconteceu um assalto em uma academia no centro da cidade, onde o tio de uma das alunas da turma era o assaltante, que foi morto na troca de tiros com a polícia, e um dos policiais que atendeu a ocorrência era o professor instrutor do PROERD.

O fato descrito acima deixou as crianças curiosas para saber do ocorrido e elas perguntaram ao PM em sala se ele já teria matado alguém. Isso mostra que um policial dando aula, com farda e uma arma, causa medo e curiosidade nas crianças, onde a pedagogia do professor que ensina através da criticidade temas transversais dá lugar a um método de ensino voltado a ações que acontece nas ruas, elencando o mal, os criminosos ou aqueles que praticam atos fora da lei, e o bem, os policiais.

#### **4. As relações sociais na escola nas narrativas da gestora, coordenadora e professora**

As entrevistas tiveram como lócus a Escola Maria Zaíde Cardoso, onde utilizei papel, caneta, celular e um questionário com perguntas semiestruturadas para dar base e organização na abordagem dos eixos trabalhados na indagação sobre o tema Bullying.

As entrevistas com os sujeitos tiveram por objetivo fazer o levantamento de dados através de narrativas sobre a abordagem e prevenção do tema *bullying* por meio da fala das profissionais da escola, possuindo específicas funções de autoridade escolar com experiência do cotidiano da escola em questão. Os nomes dos profissionais são fictícios para não expor a identidade dos sujeitos.

A primeira a ser entrevistada foi à gestora professora Nazaré, onde a mesma relata que baseia seu trabalho no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, que se encontra em reformulação para o ano de 2018. De certo não possui um plano de ação ou um projeto de intervenção voltado para a prevenção da violência institucional, o *bullying*, a escola trabalha somente com reflexões quando acontece alguma situação de *bullying*. A discussão é colocada em pauta para que os alunos repensem as atitudes cometidas. Em sua narrativa a gestora explica seu método de reflexão.

Nós trabalhamos de acordo com o nosso PPP e as reflexões com os alunos não está como um plano de ação e nem como um projeto, mas sim como um momento que temos para falar sobre assuntos como violência sexual, violência na escola, drogas com os alunos para colocá-los a pensar sobre esses assuntos. Trabalhamos também com um lado religioso, não dizendo qual é a certa ou errada, mas mostrando alguns conceitos religiosos<sup>1</sup>.

Ressaltando que no momento da entrevista precisamos de uma pausa, pois uma aluna foi dar queixa a gestora de um colega de classe que estava apelidando de “magrela” e que não estava deixando a mesma prestar atenção na aula. Pode-se perceber que a diretora Nazaré não fez nada além de mandar a aluna de volta para a sala e que depois ela ia falar com a professora da turma da menina.

Na entrevista com a gestora Professora Nazaré, a mesma informou trabalhar há 9 (nove) anos na escola e já foi professora e coordenadora pedagógica desta instituição e a menos de 3 (três) meses está na função de gestora. Quando ela é indagada sobre a questão da prevenção e abordagem à violência institucional, ou seja, o *bullying*, ela produz a narrativa a seguir.

A violência já foi um grande problema para nossa escola, já trabalhei aqui como professora e coordenadora na gestão do antigo diretor e já vi muitas situações, assim nada muito grave, mas de violência ao até *bullying*. Os trabalhos são feitos diariamente, os professores são orientados a trabalhar com reflexões sobre vários assuntos com seus alunos em sala e toda as segundas e sextas feiras tem o momento de reflexão com a escola toda na quadra, já trouxemos a Psicóloga do CRAS para dar palestra, esses momentos já acontecem a muitos anos e tem tido resultado, e sobre o *bullying* hoje na escola acho que não é

---

<sup>1</sup> Narrativa da Professora Gestora Nazaré da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso.

algo preocupante, mas algumas situações de apelidos aqui, brincadeiras ali acontecem<sup>2</sup>.

A nossa relação com os pais dos alunos é boa, pois eles sempre procuram a escola e nós sempre estamos abertos a atender as necessidades das crianças e tentamos ao máximo impedir que coisas de ruim que acontecem lá fora entrem aqui dentro<sup>3</sup>.

Para um trabalho em conjunto, segundo relatos da gestão, se faz orientações aos professores para que eles possam se nortear mediante situações adversas. A escola constrói uma aliança com os pais de alunos para que sempre haja a comunicação com o meio escolar. A gestora relata que há uma enorme participação dos pais de alunos na vida escolar das crianças e a escola trabalha com momentos reflexivos com as crianças que acontecem todas as segundas e sextas feiras com a abordagem de diversos temas transversais como as drogas, violência sexual, violência institucional, relação de bem estar com o próximo, entre outros e que diante desses momentos tem o apoio do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) no Bairro de São Sebastião que é grande parceiro nos trabalhos de prevenção que a escola executa.

Podemos ressaltar com base nas observações feitas em campo e na análise da narrativa da professora gestora Nazaré, que as ditas prevenções à violência ou outro qualquer problema relacionado às relações sociais escolares com os alunos são sempre efetuadas através de conversas, ou de eventos de forma esporádica envolvendo muitas das vezes profissionais, no caso a psicóloga do CRAS, externos que não conhecem o cotidiano e nem os problemas da escola. A fala da professora também envolve critérios religiosos onde existe uma função comportamental para que não haja punição do crédulo religioso.

A segunda entrevista foi com a coordenadora Prof<sup>a</sup>. Suellen, onde em sua narrativa fornece informações equivalentes ao da gestora. Atua faz 06 (seis) meses na coordenação, e por a mesma já ter atuado como professora da escola, onde já trabalha há 9 anos, sua narrativa articula experiências da docência com a da função atual de coordenação pedagógica.

A Professora Suellen ocupa o cargo de coordenadora, e a mesma em sua entrevista relata sobre as situações que a escola passou em relação a violência e que casos de *bullying* sérios já aconteceram, mas com o enfrentamento dos profissionais da educação com o apoio do CRAS, a coordenadora explica um trajeto de combate contra esses atos de violência que começam na vivência com a comunidade e perpassa os

---

<sup>2</sup> Narrativa da Professora Gestora Nazaré da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso.

<sup>3</sup> Narrativa da Professora Gestora Nazaré da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso.

muros da escola e sendo rompido pela mesma. A coordenadora explica essa evolução quando é indagada sobre sua percepção sobre as relações sociais de poder institucional que existe na escola se já teve que intervir em alguma situação de violência na escola.

Eu tenho 10 anos de docência, não é pouca coisa, 9 anos só aqui na escola e já vivenciei varias coisas, tenho 6 meses na coordenação, trabalhamos de acordo com o PPP que está em processo de reformulação para o ano de 2018, já tivemos problemas com violência na escola, mas conseguimos controlar todas sem precisar de medidas extremas, e fazemos isso através de conversa com os alunos e os pais de alunos tentando apaziguar a situação sempre tivemos êxito Graças a deus<sup>4</sup>.

As crianças precisam da vivência social, os nossos alunos são na maioria crianças que vieram das ilhas morar aqui no bairro, por ser mais barato comprar casa ou terreno, então as crianças vem pra escola com jeitos da cultura de onde eles moravam ai acontece o choque cultural, e muitas vezes até situações de *bullyinjg*, mas a escola intervém com conversas com os alunos para poder ter a adaptação, trabalhamos como lema nossa escola nosso lar<sup>5</sup>.

A coordenação pedagógica costuma enfrentar desafios na construção de seu perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação, porém precisa construir sua identidade e consolidar um trabalho que vai muito além da dimensão pedagógica.

A luta contra o bullying não é fácil e algumas vezes é percebida como algo transitório, onde aquele que é o autor da ação logo vai deixar de fazer, a conscientização é necessária, mas mediante observação das relações de poder de controle que se predomina na escola algo grandioso e melhor elaborado precisa ser feito.

A observação do discurso da coordenadora pedagógica nos coloca a pensar sobre a fragilidade de se trabalhar apenas com as conversas e reflexões não existem nenhum projeto de ação e prevenção de combate à violência vigente na escola, que ajude as crianças a construírem atitudes éticas, refletindo criticamente sobre seus atos. Nas observações feitas durante 30 (trinta) dias, podemos dizer que existe atos de violência que necessitam de atenção. Nas observações percebemos que acontecem brigas dentro de sala, brigas no intervalo recreativo, apelidos, agressões, desrespeito aos professores/as. Levando em consideração todos os atos de violências presenciados em 01 (um) mês, atitudes deveriam ser tomadas imediatamente pelos profissionais que trabalham neste local.

A terceira e última entrevista foi com a professora Marina da turma de 5º ano/9 B turno tarde. Ela fez breves relatos sobre questões relacionadas à escola e as crianças, mostrando ainda sua adaptação na instituição e com seus alunos, a percepção da

<sup>4</sup> Narrativa da Professora Coordenadora Suellen da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso

<sup>5</sup> Narrativa da Professora Coordenadora Suellen da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso

dificuldade de relatar coisas relacionadas à escola e as atividades que são realizadas com o intuito de prevenção de assuntos de cunho de trabalho em equipe pedagógica escolar com auxílio da gestão, coordenação e até com outros professores. Podemos observar essa adequação na fala da professora.

Na educação infantil o trabalho é feito um pouco diferente, mas nas situações de violência se acontecer eu pretendo resolver o problema na hora para não ir pra frente, aqui na sala já tive alguns problemas com alguns alunos, mas no geral eles são crianças tranquilas. Toda quarta-feira tem a aula do PROERD com um policial que vem dar aula para as crianças e ele fala sobre assuntos tipo violência sexual, violência na escola o respeito com o colega, eu também procuro conversa com eles sobre o respeito com o colega, acho isso muito importante<sup>6</sup>.

Em sua entrevista a professora mostra desconforto com o tema, pois não tem domínio de assuntos relacionados ao comportamento dos alunos das turmas, e na observação podemos destacar o fato da professora saber nomes de poucos alunos, os tratando na maioria das vezes de menino ou menina, para chamar a atenção de algum deles. A observação da turma a deixou nos primeiros dias desconfortável, mas no decorrer da minha presença na turma a professora passou a não se incomodar com a presença de uma estranha em sala, tornando assim mais perceptível sua adequação ainda em processo na turma.

## **5. As relações sociais dos sujeitos que compõem a turma de 5º ano/9 B Tarde**

A turma de 5º ano/9 B do turno da tarde foi o lócus principal de pesquisa. Ela é composta por 26 alunos, meninos e meninas, com idade entre 10 e 13 anos. Todos estudam na escola desde o 1º ano/9 e são moradores do bairro de São Sebastião. A professora da turma é recém-contratada através de concurso público e a mesma nunca tinha ido nessa área da cidade, mas já trabalha a 18 (dezoito) anos na docência com crianças do ensino infantil e creche.

Tendo pouco tempo à frente da turma a professora Marina do 5º ano/9 B tem sua aula organizada em duas disciplinas diárias, onde é trabalhado primeiro o assunto e depois a atividade. Esse esquema se faz todos os dias, no início da aula quase sempre ela conversa um pouco com os alunos sobre alguma situação que está incomodando ela ou da relação entre eles, essa conversa sempre está rodeada de palavras religiosas e a mesma incentiva, de certa forma, os alunos procurarem uma igreja. Tendo em vista a

---

<sup>6</sup> Relato da professora Marina regente do 5º ano/9 B do turno da tarde da escola EMEF Maria Zaíde Cardoso.

questão de um apelo religioso que envolve falas de punição divina caso os alunos tenham atitudes de maldade uns com os outros, não se faz presente uma base de educação ética de convivência social onde o respeito a identidade com outro indivíduo esteja presente.

A professora também proíbe o uso de celulares ou tablets na sala, com isso a incidência do *cyberbullying* não se faz presente. No período de observação houve duas situações onde a professora tomou o celular de alunos/as e só entregou aos pais deles, ressaltando aos pais em conversa com eles a regra da sala, onde os/as alunos/as não podem levar esses aparelhos tecnológicos para a escola.

Tendo em vista a observação dos alunos da turma executada durante 30 (trinta) dias, pode-se dizer que a relação social que se constitui dentro da sala se molda através de uma divisão, onde de certo modo as relações de poder são polarizadas até na divisão e ocupação do espaço da sala de aula, onde as crianças conversam e interagem umas com as outras a todo o momento. Fazendo uma análise dessa divisão, para Carlos Rodrigues Brandão (1994).

Ficavam então as “primeiras” para os alunos “sérios” e estudiosos, a quem a proximidade sagrada do professor e do quadro negro era absolutamente indispensável. Curioso que em alguns colégios este costume de distribuição parcial tornava-se a regra. Os “bons alunos” eram convocados a esfera olímpica da intimidade com o professor e os “outros” eram forçados a distribuírem-se da metade para trás (BRANDÃO, 1994, p. 112).

Observando a citação acima e as observações obtidas de campo, constatamos que a divisão da turma acontece a partir de um interesse individual do mesmo com a aula. Os/as alunos/as na sala se dividem em: os/as tímidos/as e interessados meninos e meninas que interagem mais entre eles mesmos, eles sentam do lado esquerdo da sala; as meninas que sentam na frente, que também mostram interesse pela aula, uma perto da outra e todas possuem mochilas, lancheiras e garrafinhas de água da cor rosa com algum desenho infantil de princesas e os meninos do “fundão” são os que bagunçam, que “tiram sarro” dos que são tímidos, os que falam muito e que também não deixam a professora ter controle da dinâmica da sala de aula. Os alunos do “fundão” dominam a sala de aula com conversas paralelas de cunho machista e muitas das vezes com incidência de violência.

Destacamos a falta de estímulo da professora para com os/as alunos/as, a questão do interesse nas aulas parte do individual, só vai prestar atenção na aula aquele aluno/a que tiver vontade. A professora não problematiza os preconceitos, exclusões e violências e quando o faz é com sermões acionando a religião e não fazendo as crianças

pensarem sobre as relações com os colegas em sala, para que desenvolva a alteridade, a capacidade de se colocar no lugar do outro nas relações interpessoais e sociais.

Segundo Stuart Hall (2006), as sociedades são caracterizadas pelas diferenças de identidades de sujeitos, algo que se faz presente na sala de aula, mas que não é trabalhado o entendimento da formação social de sujeito com diferentes identidades que ali convivem. Para Stuart Hall (2006),

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades - para os indivíduos (HALL, 2006, p. 17).

Essa divisão entre os alunos/as na sala de aula se constitui a partir das diferentes “posições de sujeitos/identidades” que cada um vai construindo nas relações de poder que se estabelecem no ambiente escolar, o que faz com que uns criem afinidades com uns e excluindo outros, pois dentro da sala de aula se formam grupos que entram em embates entre si, com a professora ou entre os colegas de turma. Esses embates faz com que a professora chame a atenção quando acontece alguma situação que ela precise intervir, com isso uns se evidenciam enquanto outros se tornam invisíveis, são excluídos ou sofrem preconceitos e se calam.

Para Sônia Kramer (2009), não é fácil dar atenção individual sem perder a dimensão do coletivo, “Articular o indivíduo e o coletivo, trazer o sujeito para o grupo e o grupo para o sujeito são grandes desafios” (KRAMER, 2009, p. 143). Desafios que a professora da série de 5ª ano/9 não consegue enfrentar com os alunos, ela não tem entrosamento com eles, não dialoga. É completamente perceptível o mecanismo rotineiro das aulas as crianças são bastante agitadas, mas a professora não os estimula para ter interesse pelas aulas.

No primeiro momento os alunos se sentiram incomodados com a presença de alguém olhando pra eles sem que eles soubessem de fato o motivo da observação. Esse incômodo perdurou por uma semana, perguntas e piadinhas tomaram conta das conversas paralelas sobre a “tia que tá nos olhando, será que ela é do conselho tutelar” e por meio de risadinhas um aluno comentou “ela é gorda”, vinculando assim a normatização da mulher magra e o estranhamento do que não se enquadra nesta norma, ressaltando assim a simbologia das identidades. A prática do *bullying* é mais corriqueira do que a professora, a diretora e a coordenadora pedagógica admitem ser, inclusive é praticado com os visitantes da sala de aula, sem que a professora tenha feito alguma intervenção para desconstruir os preconceitos que ocorrem em sala de aula.

As relações de poder entre os gêneros se constituem no comportamento que os meninos têm diante das meninas, intituladas mulheres por eles. O discurso machista de alguns desses meninos surpreende com um formato de desrespeito construído em um cenário de percepção cultural que perpassa por eles de forma despercebida, pois é considerado natural. A conversa sobre o namoro e “um fica” entre eles, onde eles têm o controle das meninas com quem eles se relacionam. É surpreendente a tranquilidade como eles se dirigem as mulheres como “tudo puta”, e essa expressão em relação ás mulheres são repetidas todo o tempo. A reação de incômodo pelo fato de Eu ser mulher, a pesquisadora, é nítida, onde os meninos me olhavam e davam risadas. “Tudo puta” foi a expressão mais falada por eles. Esses alunos/as aprenderam socialmente a tratar as meninas/mulheres com desprezo, reproduzindo estereótipos difundidos na sociedade, em vários espaços e tempos.

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

Para Guacira Lopes Louro (1997) é no campo social que se constrói as relações entre os sujeitos, onde essas condições de desigualdades se reproduzem através de uma justificativa cultural, que não envolve apenas o biológico, mas também a condição de sujeito que a sociedade nos molda.

A evidência de atrito entre as crianças com relação a questões de namoro, se percebe quando surgem “boatos” de ameaça de briga entre dois alunos, onde o motivo de tal movimentação seria ciúmes, pois os dois teriam interesse em uma mesma menina de outra turma e ambos teriam “ficado” com ela, com isso se viu a necessidade de intervenção dos pais de um desses alunos que começaram a levar e buscar seu filho na escola para evitar tal confronto. Mas dentro de sala indiretas rondavam entre as extremidades do espaço.

Nas conversas sobre namoro e rejeição, as meninas da turma, tomam conta do cotidiano e com isso percebe-se que as meninas se sentem retraídas e intimidadas com a insistência do discurso que elas são feias e “não servem” para namorar. Essa adjetivação que os meninos do “fundão” usam para se referir as meninas da turma não os impede de tentar ver as calcinhas delas, pois no uniforme da escola divide-se em calça para os meninos e saia para as meninas, dividindo em dois as manifestações de sexualidade fomentada pela instituição. Com isso o tempo todo ocorre a tentativa de ver sem o

consentimento as partes íntimas das meninas, causando um desconforto para elas, que ouvem que são feias, mas ao mesmo tempo são alvos dessas tentativas de interesse de invadir a privacidade de seus corpos.

As meninas que “sentam na frente com seu material rosa” são estudiosas, quietinhas e quase sempre só conversam entre elas, mas em alguns momentos interagem com os outros alunos sem conflitos. No intervalo elas lancham juntas, não brincam de correr para não suar, apenas conversam e lancham. Algumas relações de conflitos de identidades e diferenças acontecem entre elas mesmas, pois elas são 4 quatro meninas uma “branca, gordinha e tem os cabelos encaracolados”; duas são “negras, magras e tem o cabelo crespo” e outra é “branca, magra do cabelo liso”.

Segundo Woodward (2000), nas identidades concentram-se fatores de pertencimento de um grupo oprimido ou marginalizado, fator importante que causa a celebração da singularidade cultural, observando o trecho abaixo.

A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica. Pode-se apelar a identidade, entretanto, de duas formas bastante diferentes (WOODWARD, 2000, p. 34)

As “meninas que sentam na frente com seu material rosa” se caracterizam por dar ênfase às diferenças de identidade existentes entre elas que em alguns momentos aparecem em suas conversas e quando uma diz pra outra “eu sou magra e tu é gorda, a minha roupa não cabe em ti”, “teu cabelo fica bonito solto, o meu fica tufado”, a evidência se dá quando em uma conversa entre elas uma delas falou: “a gente é tão diferente e somos amigas” e elas começam a rir entre elas. Mesmo reconhecendo as diferenças, elas cultivam a amizade, valorizando-se além das aparências.

Os/as alunos/as tímidos/as têm sua presença quase imperceptível na aula, falam bastante, mas muito baixinho e quase sempre apenas entre eles. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem uns se destacam, outros nem tanto, causando um conflito entre eles, pois há certa disputa de quem completa as atividades e acerta as questões dadas diariamente. A professora quase todas as aulas no fim das atividades diz que aquele que terminar pode sair. A disputa começa e a pressa também, os/as alunos/as se veem na obrigação de serem rápidos e mais inteligentes que o colega pelo simples fato de sair na frente, esta situação acontece apenas com os/as alunos/as tímidos/as, pois eles procuram distrações entre eles, com isso qualquer situação onde possivelmente podem ser notados causa uma agitação.

A atividade aparenta um estímulo a disputa, pois aquele que é mais astuto, ganha vantagem, mas é uma ação perigosa, pois o conflito entre os/as alunos/as surge podendo ocasionar assim oscilações nas relações dos/as alunos/as, como estamos tratando da formação de indivíduos ainda crianças o cuidado com as ações que venha a instigar a disputa é perigosa, pode ser na inocência, mas a vontade de ser melhor que o colega aparenta ser muita atrativa.

Entre os/as alunos/as tímidos/as da turma, têm entre eles alguns que levam brinquedos para a sala de aula, isso chama um pouco a atenção dos outros alunos/as, mas é algo momentâneo, e às vezes os outros alunos/as pegam os brinquedos e não devolvem, com isso eles falam para a professora que o colega pegou o brinquedo e não devolveu. A professora pega o brinquedo de volta, mas chama a atenção do que trouxe o brinquedo para a escola, ela diz: “evitem trazer essas distrações para a escola, pois vocês estão aqui para estudar e não para brincar”.

A turma tem uma estrutura um tanto instigadora que leva a ter um olhar direcionado as relações de poder que permeiam várias vertentes das diferenças de identidades e de comportamentos existentes envolvendo processos de representações de conduta que entrelaçam as relações humanas como um todo.

A turma mantinha uma estrutura um tanto desigual ou até excludente, mas onde há crianças com suas especificidades, suas características, suas identidades em um processo de construção, e de desconstrução também, onde a escola fomenta uma formação social, educacional e crítica, produzindo um processo que compõe uma aprendizagem de modo normativa, onde algumas adequações são necessárias, barreiras precisam ser quebradas e métodos são executados para poder acessar o coletivo e nesse coletivo há inúmeros cuidados individuais, onde o professor não pode ser considerado o detentor do poder e precisa equilibrar as relações de poder ali existentes pelas relações entre professor-aluno e aluno-aluno.

Segundo Ana Lúcia Ratto (2007), para Foucault, é mediante o exercício das relações de poder que o exercício da liberdade acontece. Foucault define as relações de poder como jogos estratégicos entre liberdades, com o sujeito constitui a própria existência segundo critérios estéticos de um cuidado de si como prática de liberdade.

A observação perdurou durante um mês, com isso várias situações acabaram reformulando toda a logística da turma em questão. Dois alunos acabaram brigando dentro da sala, eles sentavam perto um do outro para conversar, mexer com as meninas e fazer bagunça. No dia 15 de Maio eles se desentenderam, sem motivo aparente, e a briga começou, briga essa com agressão física, a professora imediatamente afastou os

meninos levando um para fora da sala e deixando o outro dentro da sala, minutos depois a diretora chega à sala e os dois foram encaminhados para a direção. No fim do período escolar daquele dia quando os pais foram buscar os meninos que brigaram a diretora os chamou pra conversar na tentativa de resolver o problema.

A situação descrita acima pegou a professora de surpresa, sua reação foi de completo impulso, mas foi a mais viável no momento. O fato das crianças estarem ociosas qualquer ação pode estimular uma reação de conflito, que no caso nem os próprios alunos souberam explicar ao certo o motivo da briga. Um deles falou que o colega o empurrou e o menino apontado por iniciar a confusão disse que só estava brincando, que foi o outro que bateu nele. Enfim uma situação confusa com graves consequências e que se resolveu parcialmente com cada um indo para lados diferentes da sala.

No dia seguinte, à briga dos meninos, a professora iniciou a aula a partir de uma conversa com a turma toda sobre violência e o amor ao próximo. Após a conversa ela dividiu a turma em uma organização onde ela decidiu os lugares dos/as alunos/as, com isso ela separou e espalhou na sala os meninos que sentavam no “fundão”, na tentativa de afastar uns dos outros para que a bagunça e a chance de desentendimento entre eles diminuísse.

A tentativa feita pela professora de impor a autoridade e mostrar o controle que ela pode ter da sala vai se adequando no decorrer do tempo, pois as crianças foram afastadas das outras que possuíam afinidades, logo a migração de uma para a cadeira da outra que estava longe se tornou comum, o passeio na sala e a professora brigando para eles voltarem aos seus lugares já se tornava rotina.

Relacionado à autoridade, Sônia Kramer (2009), mostra a importância da relação entre adultos e crianças e do domínio de questões como valores, saberes e fazeres das gerações que influenciam umas nas outras.

Essa autoridade estaria relacionada, assim, a acolhimento, proteção, segurança, conhecimento que passa às crianças que chegam. A verticalidade das relações entre adultos e crianças daria pela experiência, pelo domínio que os adultos têm de valores, saberes e fazeres e também pela responsabilidade de transmiti-los as novas gerações. Na relação entre adultos e crianças, a assimetria é inerente ao lugar outorgado ao adulto, sendo, portanto legítima (KRAMER, 2009, p. 145).

No dia 18 de maio de 2018 a diretora vem comunicar na sala que os/as alunos/as sairão cedo por falta de lanche na escola. O horário de saída normal dos/as alunos/as da escola é as 17:30 horas, mas com a falta da merenda as crianças iriam sair as 16:00

horas até esta questão se normalizar. Eles comemoraram a notícia não pela falta de lanche, mas por saírem mais cedo da aula. A partir desse dia o horário de saída das crianças perdurou as 16:00 horas, pois a greve intitulada dos “caminhoneiros” se alastrou pelo país, uma luta de direitos da população, mas que infelizmente atingiu vários segmentos do atendimento do povo em massa no Brasil.

Durante a semana as crianças tem uma rotina com algumas brincadeiras, atividades escolares, alguns pais na escola, situações de rebeldia com a professora, uns se destacam pelo esforço no processo de ensino aprendizagem, dentre várias situações frequentes de ocorrer na escola dentro ou fora de sala.

Nas segundas-feiras todos chegavam cheios de assunto sobre o fim de semana, brinquedos novos sempre rodeavam a sala, conversas sobre namoro como quem teria “ficado” com quem no sábado ou domingo na praça próximo da escola, assuntos diversos eram discutidos, mas atenção à aula não acontecia. A professora chama a atenção o tempo todo e sempre com o discurso de que só sairá cedo quem terminar as atividades. A aula não é instigadora, por isso eles se dispersam. A professora ameaça e não muda sua metodologia nem a forma de se relacionar com os/as alunos/as. Crianças precisam de atividades desafiadoras que prendam sua atenção e os estimulem as descobertas, aos novos conhecimentos, ao diálogo e não a brigas.

Nos outros dias da semana foi possível observar a não assiduidade de muitos/as alunos/as, tem alunos/as que dificilmente faltam, mas a maioria dos/as alunos/as, durante a semana, falta em média dois ou três dias e outros vão semana sim outra não. Com a situação de adequação da professora, onde a mesma está pouco tempo a frente da turma, a percepção da falta de uns alunos/as não é evidente, enquanto que outros quando faltam ela sempre sente a falta e pergunta sobre o motivo do acontecido. Com isso certo dia uma aluna com quem a professora tem certa afeição faltou, no outro dia a professora perguntou a ela o motivo da falta a aluna sem nenhum receio respondeu que seu tio havia sido morto em um tiroteio com policiais quando ele tentava roubar uma farmácia, relato que mostra a realidade da maioria das crianças que moram nos arredores do bairro.

Nos dias de sexta-feira os/as alunos/as sempre se mostram empolgados pelo fim de semana que está a começar, alguns meninos marcam futebol, outros contam dos possíveis passeios que vão realizar em família, outros das brincadeiras na rua como pipa, peteca e outros falam em ficar fim de semana todo jogando vídeo game ou jogo em seu próprio celular, causando espanto para os que não possuem tais objetos tecnológicos.

Levando em consideração que as situações descritas são de momentos que compõem o cotidiano da turma em questão, mas temos que elencar que são crianças que estão desenvolvendo questões de identidade tanto de comportamento quanto do social. A pesquisa foi rodeada de momentos onde se percebe as características que envolvem a fase infantil, a relação dos/as alunos/as com a “tia” e a necessidade da permissão dela pra tudo, até pra passar a linha na escrita do caderno precisa da comunicação com a professora intitulada para todos os alunos sem exceção de “tia”.

## **6. Evidências do *Bullying* na Turma 5º ano/9 B Tarde**

Entre os/as alunos/as considerados tímidos, de fala que quase não se ouve, dentro da turma de 5º ano/9 B da tarde da escola EMEF Professora Maria Zaíde Cardoso. Dois alunos chamam a minha atenção como pesquisadora, eles começaram o período juntos, mas por algumas situações se afastaram, eles sempre tiveram a companhia de uma coleguinha, com quem formavam um trio de especificidades quase despercebidas se não fosse o atraso no horário e a demora na escrita do menino que chama a minha atenção na sala por um olhar que quase não se tem, o olhar da possível existência da violência institucional o *bullying*.

A turma é formada por crianças com características muito diferentes, são sujeitos com diferentes formações das identidades. Para o ponto específico que a investigação aponta um trio de alunos formado por dois meninos e uma menina chamando o foco da atenção principalmente para um deles, que vamos chamá-lo de Vinicius.

O Vinicius, no início da pesquisa era amigo de Júlio e de Ana, mas Vinicius é uma criança tímida que pouco fala com as outras crianças fora do círculo de relacionamentos, pois os outros alunos/as o tratam com indiferença utilizando-se de apelidos que põem em questão a sexualidade do menino, pelo fato dele ser amigo de outro menino na sala. Os colegas de turma chamam-no de menina e dizem que ele namora com Júlio.

Ana, a menina que brinca com os dois meninos não tem uma participação visivelmente no formato da construção do *Bullying* como uma violência de cunho concreto, mas a menina de fato se faz invisível na sala, a professora da turma não sabe o nome dela, ela é extremante tímida, fala pouco e bem baixinho, às vezes brinca com os colegas, mas outras vezes não; as vezes faz os deveres do caderno outras vezes não, de forma imperceptível.

As questões relacionadas a relacionamentos de um ponto de vista erótico fazem parte do cotidiano da turma, onde as sexualidades de um olhar do outro estão em evidência nos discursos dos/as alunos/as, a percepção de tudo que pode ser falado como iniciativa sexual de todos os ângulos, tanto em discursos heterossexuais que remete a algo positivo, quanto á homossexualidade que remetem a piadinhas, deboches e ofensas. Para abordar questões de sexualidade, se coloca em destaque a fala de Guacira Lopes Louro (1997).

Como já observamos, a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da "normalidade" (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero) (LOURO, 1997, p. 80).

Vinicius leva, todos os dias, brinquedos para escola, uma forma de chamar a atenção de seus colegas, pois quando ele mostra o brinquedo todos se aproximam dele, já houve situações de pegarem o brinquedo dele e não o deixarem brincar, mas depois devolvem. A professora vê isso como um problema, pois toma a atenção dos/as alunos/as e já proibiu várias vezes deles brincarem, houve situações onde a docente toma o brinquedo e só entregar na hora da saída.

Vinicius e Júlio sempre tiveram uma aproximação, mas seus colegas de turma começaram a incomodar-se com a relação deles, com isso piadinhas, xingamentos e apelidos de que eles eram namorados circulavam um tanto silenciosamente pela sala, até que um dia um desenho deles dois se beijando com seus respectivos nomes passou por todos os alunos na sala, fazendo assim a diversão de alguns. A partir deste momento houve o afastamento de Vinicius e de Júlio, a professora não soube da situação, pois Vinicius escondeu o desenho e disse que iria mostrar a mãe dele, mas não o fez.

Analisando a situação acima comentada podemos perceber a consequência de uma “brincadeira” que de fato veio a movimentar a relação dos sujeitos causando um rompimento de convivência de afeto entre duas crianças, pode parecer algo inofensivo, mas ao ver a reação de desconforto dos meninos podemos considerar o impacto da desvalorização da identidade que os outros colegas os atribuem. Segundo Louro, “Questões como essas sem dúvida nos remetem para a temática da diferença, das desigualdades, do poder. Os vários exemplos servem apenas como uma referência para sugerir onde olhar e como olhar tais diferenças e desigualdades no espaço escolar” (1997, p. 84).

Para Louro (1997) as desigualdades nas relações de poder deveriam nos mostrar para onde olhar e a forma com que devemos encarar as situações que envolvem

diferenças e desigualdades constitutivas das relações sociais, pois essas “piadinhas” geram, para um dos sujeitos envolvidos, um apontamento vexatório, causam efeitos na constituição de suas identidades.

A situação é preocupante e causa conflito entre os que estão envolvidos. Ao analisar a cultura machista que ainda predomina a sociedade em que vivemos, podemos perceber que ser apontada uma identidade que gera piadas sobre a sexualidade do sujeito imediatamente causa uma recusa do mesmo.

Vinicius tem problemas com a escrita, sua professora torna a situação em evidência para turma, pois chama a atenção dele em voz alta e diz que não sabe mais o que fazer com ele, com isso observa-se uma liberdade de fala das crianças em relação ao processo de ensino-aprendizagem do menino, pois todos dão opinião sobre como ela deve agir com ele, logo o menino tímido de poucas palavras torna-se destaque novamente para a turma.

Vinicius chega atrasado todos os dias e a professora sempre fala sobre isso com a turma antes dele chegar, mas ele depende dos pais para levá-lo, mas a professora nunca perguntou aos pais dele o motivo do atraso.

A postura da professora frente ao aluno favorece a situação de rejeição dos colegas, e Vinicius sempre tenta ser aceito de várias formas, onde é evidente a ocorrência do *bullying*, ajudando a fomentar a centralização de uma forma distorcida da visão sobre o menino de individualidade e comportamento de uma criança que necessita de olhar específico, pois as relações de poder que se estabelecem não o favorecem.

Nem sempre o *bullying* se evidencia com momentos de extrema gravidade com agressões físicas, são situações passíveis de serem trabalhadas ocasionando acerto na orientação das relações dos/as alunos/as da turma, mas necessita de uma visão cuidadosa das situações que se formam, onde formas de problematização das situações levassem de fato a reflexões sobre as relações sociais e a necessidade de valorizar as múltiplas identidades construídas que deveria ser incentivado nas práticas pedagógicas em sala de aula, pois a relação de desequilíbrio interfere na construção do sujeito crítico e social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que por ora interrompemos propôs uma análise das relações de poder existentes em uma escola pública, questionando a existência do *bullying* em um cenário que envolve crianças entre 10 e 13 anos de idade e os profissionais da educação que atuam em uma hierarquia de gestão, coordenação e professora.

O objetivo da pesquisa foi alcançado, embora o tema não se esgote nesta pesquisa, pois foi possível analisar o *Bullying* de uma forma conceitual interligando a sua percepção de seu surgimento como um ato de violência institucional e também trazendo a análise para uma visão do *bullying* no Brasil como um problema de violência social.

A pesquisa de campo se fez necessária pela necessidade de buscar um olhar próximo a análise do problema proposto, para que ache a percepção vivida do problema que está sendo analisado.

Com uma observação da percepção da existência do *bullying* na turma de 5<sup>a</sup> ano/9 B tarde, e também para as outras turmas da escola, proponho como intervenção um trabalho de formação com os professores da escola, onde possam ser abordados assuntos como a violência institucional e outros temas que envolvam relações professor-aluno/a e aluno/a-aluno/a. Trabalhar de uma forma onde existisse um plano de ação como orientador das ações dos profissionais. Acredito que trabalhar com religião pode ser muito importante, mas há a necessidade de se mostrar ética e moral que existe nas relações dos sujeitos para esses alunos/as.

Destacando a minha familiaridade como pesquisadora com a discussão abordada, por Eu ter sofrido *bullying* na infância e adolescência, o ato de violência institucional ainda, nos dias de hoje, tem a mesma natureza de existência, os sujeitos mudam, mas a forma de se fazer o *bullying* ainda é a mesma, mesmo sem violência física a abordagem da persistência das brincadeiras ofensivas de cunho vexatório permeia as relações dos sujeitos dentro e fora de sala.

O professor se coloca como detentor das relações de saber-poder dentro da instituição, a perfeição nas atitudes é algo improvável, mas a tentativa dessa perfeição é plausível, um olhar do outro é indispensável, a percepção das diferentes identidades existentes em sala de aula se faz necessário, a profissão de educador tem seus por menores, seus eixos de abordagem de seu público alvo, de maneiras e métodos diferenciados a função de professor tem seus segredos, a sensibilidade como indivíduo e

o sentimento de empatia vem a dar intermédio para abordagem de boa condução nas relações existentes no contexto escolar.

A ideia de que o contexto social do bairro é algo ruim vem a dar subsidio a esperança no fato das crianças frequentarem a escola, esperança essa que se mostra no discurso da gestora quando ela se refere a escola como meio de desconstrução da cultura negativa que as crianças possam trazer de fora da escola e o realce nas ideias positivas de cunho social que o individuo já traz consigo para a escola.

O comportamento das crianças é reflexo de uma cultura já existente (não imutável) produzido por discursos onde elas só estão cultivando e repetindo, a violência que envolve o machismo, se faz presente na realidade da maioria das crianças onde o pai sai pra trabalhar e a mãe fica na casa cuidando dos afazeres domésticos, ou então a mãe trabalha em casa de família, ou a mãe tem pouca idade e mora com os pais onde a referência de responsáveis é dos avôs, enfim inúmeras situações de vulnerabilidade feminina que cultivam a ideia de mulher objeto de satisfação, que se faz claro o discurso dos meninos da turma.

Essa relação de poder entre os gêneros abala até a autoridade que deveria ser exercida pela professora da sala, pois ela é mulher, mas infelizmente a docente não se atenta a essas situações. A professora atua há pouco tempo na referida turma, mas o dia a dia traz consigo uma gama de situações de alerta para a relação de gênero que se estabelece no ambiente. Sem dúvida, podemos afirmar que a formação continuada é um meio de por em jogo o olhar de percepção da docente, que tem experiência profissional apenas com crianças de creche, continuidade nos estudos uma especialização, algo que a levasse a direcionar suas ideias as questões dois alunos da sua atual realidade onde o tempo não seja uma desculpa para adequação forçada que a professora com a aparência cansada se utiliza.

O trabalho de reflexão que a escola diz realizar com os alunos de fato não gera um efeito dominante para todos, pois refletir na transição da infância para a adolescência é difícil, que é o caso dos alunos de 5º Ano, tornando-se um trabalho com fraco teor de eficácia, de um alcance quase que nulo, pois pensar pode ser feito em todo o lugar com qualquer assunto, mas perceber o que é certo na vida social muitas das vezes não acontece com o ato de refletir.

A pesquisa se mostrou rica em detalhes nos contextos de abordagem de assuntos que ataçam a minha curiosidade sobre o *bulliyng*, a observação mesmo que incomodasse um pouco os/as alunos/as se faz de uma forma natural e espontânea sem entrar no particular da organização da sala, pois como pesquisadora em nenhum momento

interferi nas atitudes e nos métodos da professora e nem dos/as alunos/as, podendo assim trazer temas de um olhar que percebi sem intervir na dinâmica de sala de aula.

A igualdade é necessária nos direitos dos cidadãos como um todo perante o estado, como indivíduos somos verdadeiramente diferentes, todos somos diferentes uns dos outros sem exceção, mas com clareza temos que enxergar a individualidade de cada um/a, as diferenças, valorizando o outro a partir de uma relação social saudável aceitando, agregando valor às diferenças podemos construir novas identidades e novas relações de poder, mais igualitárias e solidárias.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Turma de trás**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BRASIL. **Constituição Federal**. São Paulo: Rideel, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Rideel, 1990.
- BRASIL. Lei Federal Nº 13.185: Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Ano: 2015.
- DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. p.253-278.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p
- HALL, Stuart. **A identidade e a cultura na pós-modernidade**. Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro DP&A 2006.
- KRAMER, Sônia. **Retratos de um desafio: crianças adultos na educação infantil/ Sônia Kramer, organizadora.- São Paulo: Àtica, 2009.**
- LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- RATEKE, Deise. **A Escola Pública e o PROERD: Tramas do Agir Policial na Prevenção às Drogas e às Violências**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Abril de 2006.
- RATTO, Ana Lúcia Silva. **Livros de ocorrência: (in)disciplina, normalização e subjetivação/Ana Lúcia Silva Ratto.-São Paulo:Cortez, 2007**
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científica**. 23 Ed. Re, São Paulo, 2007.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: cartilha 2010**. Projeto Justiça nas Escolas. CNJ (Conselho Nacional de Justiça). 1ª Edição 2010.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudo culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.**
-

VALLE, Ione Ribeiro. **O lugar dos saberes escolares na sociologia brasileira da educação.** In: Currículo sem Fronteiras, vol. 8, n.1, p. 94-108, jan/jun, 2008. Disponível em [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org). Acesso em 27 de março de 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** 14a edição Papirus, 2002.

# ANEXOS

**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.**

Vigência

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).

**A PRESIDENTA DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - social: ignorar, isolar e excluir;

V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF

*Luiz Cláudio Costa*

*Nilma Lino Gomes*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 9.11.2015

QUESTIONÁRIO SOBRE AS RELAÇÕES SOCIAIS NO MEIO ESCOLAR  
(A PRÁTICA DO BULLYING)

➤ Gestor, Professor e Coordenador:

- 1- Pra você, qual a importância das relações sociais que permeiam na escola.
- 2- Como é trabalhada as relações de bem estar social com aqueles que compõem o ambiente escolar?
- 3- Como você define a sua relação com seus alunos no geral?
- 4- Como você define a violência na escola? No geral verbal ou física.
- 5- Na sua sala de aula como os alunos estão organizados?
- 6- Você tem problema com brigas constantes dentro ou fora de sala?
- 7- Quando acontece desentendimento em sala de que forma você reage?
- 8- A escola trabalha temas como o bullying com seus alunos, como eles reagem quando esse tema é abordado?
- 9- Quando a escola detecta algum tipo de violência com os alunos como ela lida com essas situações?
- 10- Qual a relação da escola com a família dos alunos?
- 11- Comente um pouco sobre o PPP da escola.
- 12- Comente um pouco sobre os planos de ação voltados para esse tema.